

LABIRINTO SEM FIM: RELAÇÕES FAMILIARES E SOCIAIS EM FELIZ ANIVERSÁRIO E EM OS LAÇOS DE FAMÍLIA, DE CLARICE LISPECTOR

*Diego Luiz Müller Fascina¹
Marisa Corrêa Silva²*

RESUMO: Este trabalho tem por finalidade, através de uma análise comparativa, discutir a presença do Grande Outro (em inglês, Big Other), nos contos *Os laços de família* e *Feliz aniversário*, enfeixados na coletânea *Laços de família*, de Clarice Lispector. Conceito oriundo da psicanálise lacaniana, mas que possui uma investidura social, quando relido pelo materialismo lacaniano do filósofo esloveno Slavoj Žižek, o Big Other permitirá que observemos com mais rigor as relações familiares nas duas narrativas citadas, apontando suas diferenças, ainda que o cerne seja o mesmo: a periclitante relação entre mães e filhos. Além da análise, intenciona-se fazer considerações a respeito de alguns pontos cruciais da filosofia de Žižek.

Palavras-Chave: Grande Outro. Materialismo lacaniano. Clarice Lispector.

ENDLESS LABYRINTH: FAMILY AND SOCIAL RELATIONS IN HAPPY BIRTHDAY AND IN THE FAMILY TIES, by Clarice Lispector

ABSTRACT: This study aims, through a comparative analysis, discuss the presence of the Great Other (in English, Big Other) in tales *Loops Family* and *Happy Birthday*, bundled in *Family Ties* collection, Clarice Lispector. Concept originated from Lacanian psychoanalysis, but which has a social endowment when reread the Lacanian materialism of the Slovenian philosopher Slavoj Žižek, the Big Other allow to observe more rigorously relations family mentioned in the two accounts, pointing their differences, even though the core is the same: the shaky relationship between mothers and children. In the analysis, intends to make considerations about some crucial points of philosophy Žižek.

Keywords: Great Other. Lacanian materialism. Clarice Lispector.

¹Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Maringá, especialização em Letras (Estudos Literários) pela Fundação Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mandaguari e cursa o doutorado em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Estadual de Maringá. Suas pesquisas contemplam os seguintes temas: Clarice Lispector, Cazuza, o materialismo lacaniano de Slavoj Žižek, rock brasileiro, identidade existencial e identidade humana e animal. Universidade Estadual de Maringá. Paraná. Brasil. E-mail: diegomullerfascina@hotmail.com

²Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Campinas, mestrado em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Fez pós-doutorado na Rutgers - the State University of New Jersey. Atualmente é professor associado no Departamento de Letras da Universidade Estadual de Maringá. Tem experiência na área de Letras, incluindo as Literaturas brasileira e portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Helder Macedo, narrativa contemporânea, teoria do romance, personagem feminina. Também tem publicações contemplando Teoria Literária e leituras intersemióticas. Nos próximos anos, pretende dar continuidade aos estudos de materialismo lacaniano. Universidade Estadual de Maringá. Paraná. Brasil. E-mail: mcsilva5@uem.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Clarice Lispector traz, na maioria de seus textos, a seguinte linha de continuidade temática: “autoconhecimento e expressão, existência e liberdade, contemplação e ação, linguagem e realidade, o eu e o mundo, conhecimento das coisas e relações intersubjetivas, humanidade e animalidade”; pontos esses amplamente discutidos por Nunes (1995, p.99), e que se tornaram referentes na explanação do pensamento da autora.

Através de uma linguagem autodilacerada e conflitiva, que problematiza a forma da narrativa e cria um labirinto ambíguo, normalmente preocupado em atingir e questionar o mais abissal do ser, Lispector constrói, no conjunto de sua obra, um painel de educação existencial nos seus mais intrincados vórtices. A partir desse pano de fundo, empreender diálogos entre seus textos é plenamente possível.

Para iluminar aspectos da prosa clariceana, a crítica especializada já lançou mão da psicanálise, em geral de matriz freudiana, tais como o estudo de Rosenbaum, cujo título *Metamorfoses do mal* (2006) preocupa-se em apontar, numa intersecção da psicanálise e da estilística, a questão do mal e do sadismo na ficção da autora; no entanto, nosso estudo difere desse tipo de abordagem.

O escopo teórico que norteia o presente artigo é o materialismo lacaniano de Slavoj Žižek, ao “resgatar o subjetivo, o psicanalítico e as pressões do Inconsciente para o campo da coletividade, do social” (SILVA, 2009, p.12), utilizando elementos da psicanálise, da teoria social e do idealismo alemão, numa união que propõe, em princípio, retomar e revisar propostas da esquerda tradicional, atrás de um humanismo possível, que busca defender os grupos sociais da lógica do Capitalismo. Este materialismo lacaniano, quando aplicado à literatura, pode lançar luzes novas sobre seu objeto. Este artigo propõe o entendimento de como as obras analisadas refletem uma sociedade maquiada, cínica, cujo Grande Outro, instância onipresente que sustenta nossas coordenadas simbólicas, é fiscalizador e punitivo, escancarando, dessa maneira, as relações afetivas (no sentido amplo da palavra "afeto") entre familiares, muitas vezes mascaradas em nome do decoro social.

MATERIALISMO LACANIANO

Em oposição ao materialismo dialético, que sistematiza a matéria numa relação dialética com o psicológico e o social, o materialismo lacaniano propõe instaurar uma forma diferente de funcionamento do poder, que ultrapasse os limites da democracia representativa, uma vez que permanecer fiel à ideia de comunismo não é o bastante. Destarte, Žižek, ao lado do francês de origem marroquina Alain Badiou, inicia a base estrutural dessa teoria, localizando, na realidade histórica, os antagonismos que fazem dessa ideia uma urgência prática.

A primeira transformação proposta gira em torno dos aparatos conceituais de Karl Marx; No entanto, como afirma Silva (2009, p.211), esses pensadores não renegam o marxismo, mas, “aceitando as contribuições do filósofo alemão para a história do pensamento, fazem a ressalva de que a economia e a luta de classes apenas não são suficientes para dar conta de tudo o que acontece”. Assim, Žižek despontou como pensador capaz de renovar Marx, uma vez que a ortodoxia marxista deixava brechas em determinadas análises de dimensão social. Como Daly (2009) afirma,

o paradigma žižekiano – se é que podemos falar nesses termos – extrai sua vitalidade de duas grandes fontes filosóficas: o idealismo alemão e a psicanálise. Em ambos os casos, o interesse central de Žižek recai sobre certa falta/excesso na ordem do ser. No idealismo alemão, esse aspecto explicita-se mais e mais através da referência ao que se poderia chamar de uma “loucura” inexplicável, que é inerente e constitutiva do cogito e da subjetividade como tal [...] Na psicanálise, esse aspecto temático da subjetividade deslocada é mais desenvolvido com respeito ao conceito freudiano de pulsão de morte. A pulsão de morte surge, precisamente como resultado dessa lacuna ou furo na ordem do ser – uma lacuna que aponta, ao mesmo tempo, para a autonomia radical do sujeito – e é algo que ameaça constantemente sabotar ou derrubar a estrutura simbólica da subjetividade (DALY, 2009, p.9-10)

Žižek fundamenta suas discussões especialmente sob a doutrina psicanalítica de Jacques Lacan, mas reinterpreta-a e aplicando os principais conceitos em fenômenos coletivos. O esloveno afirma que “só hoje o tempo da psicanálise está chegando” (ŽIŽEK, 2010, p.9) e que, através do “retorno a Freud” que Lacan propõe, arquitetando seu edifício psicanalítico com base em conceitos que fogem da psicanálise (a citar: a linguística de Saussure, a antropologia de Lévi-Strauss, as

filosofias de Hegel, Platão, Heidegger, Kierkegaard, incluindo a teoria matemática dos conjuntos etc.), torna claro que sua leitura de Lacan é autorizada pela estrutura de pensamento do psicanalista francês: o lacanianismo não era tão-somente um conjunto de práticas terapêuticas/clínicas, “mas uma teoria e prática que põe os indivíduos diante da dimensão mais radical da existência humana. Ela não mostra a um indivíduo como ele pode se acomodar às exigências da realidade social; em vez disso, explica de que modo, antes de qualquer coisa, algo como “realidade” se constitui” (ŽIŽEK, 2010, p. 10).

O esloveno realiza essa releitura e seu escopo abrange desde a filosofia e a sociologia à alta literatura e à política, passando pelo cinema hollywoodiano, pelo espaço cibernético, pela biogenética, pela biopolítica, pela ficção popular, pela subjetividade na pós-modernidade, até assuntos aparentemente banais, como por exemplo, o Big Brother, o chocolate *Kinder Ovo* e os diferentes tipos de vasos sanitários; temas que recebem uma leitura, no mínimo, inquietante, a qual nos guia para significados pouco suspeitados.

Bazzanella (2009) articula o pensamento de Žižek em três linhas gerais: inicialmente, o filósofo critica a hegemonia da democracia liberal do capitalismo, que possui um discurso ideológico truncado e contraditório, pois, ao mesmo tempo em que apregoa a liberdade como imperativo a ser alcançado, apresenta um *feedback* punitivo para aqueles que se aventuram na busca dessa liberdade. Daly (2009) afirma que esse tipo de crítica funciona

apenas como ponto de partida de um compromisso ético-político muito mais amplo com um universalismo emancipatório radical, capaz de se opor à natureza cada vez mais proibitiva do capitalismo contemporâneo e suas formas correspondentes de correção política e “multiculturalismo” (DALY, 2009, p.7-8)

Em um segundo momento, encontram-se críticas em relação ao posicionamento das esquerdas, que ficam presas a certas ortodoxias de cunho marxista e tentam sobreviver de propostas equivocadas que só endossam o discurso fundamentalista do capitalismo global e da sua democracia liberal. Em *Bem-vindo ao deserto do Real!*, Žižek (2003) analisa os atentados ao World Trade Center e ao Pentágono no dia 11 de setembro de 2001. Com isso, tenta despertar o que ainda se denomina “esquerda” a fim de recuperar o terreno perdido e colocar-se

como alternativa à ordem hegemônica – representada pelos Estados Unidos e consolidada após a queda do Muro de Berlim – e às profecias sobre o “fim da história”.

Com essa ‘esquerda’, quem precisa de direita? É natural então que diante de loucuras ‘esquerdistas’ semelhantes, a facilidade com que a ideologia hegemônica se apropriou da tragédia de 11 de setembro e impôs sua mensagem básica foi ainda maior do que se poderia esperar dado o controle da direita e do centro liberal sobre os meios de comunicação de massa: acabaram-se os jogos fáceis, é preciso escolher lados – contra (o terrorismo) ou a favor. E como ninguém se declara abertamente a favor, a simples dúvida, uma atitude questionadora, é denunciada como apoio disfarçado ao terrorismo... É precisamente essa tentação a que se deve resistir: é exatamente nesses momentos de aparente clareza de escolha que a mistificação é total. A escolha que nos é proposta não é a verdadeira escolha (ŽIŽEK, 2003, p.71)

E finalmente, como terceira instância da filosofia política de Žižek, Bazzanella (2009, p. 20) cita o desafio em se “pensar o impensável”, “arriscar o impossível”. Esse tipo de posicionamento advém da estrutura teórica de Lacan que, como já citamos, resgatou conceitos de outras áreas para sua psicanálise. Ou seja, o retorno a Freud de Lacan partiu da linguística e da antropologia; a releitura žižekiana de propostas políticas efetivas desvencilha-se da carga histórica, da veracidade e da teleologia, para se ater à urgência contemporânea, com conceitos revistos, inclusive com o alerta de que, por vezes, o ato mais radical é justamente o de renunciar a uma ação previsível, “autorizada” pelo próprio sistema vigente como paliativa e, portanto, esvaziada de sentido.

Daly (2006, p. 22) afirma que, para Žižek, o foco da discussão não está no fato da Sociedade ser (im)possível ou não, mas no modo como “a sociedade é impossível e como se entende politicamente a impossibilidade”. O perigo potencial está em nos acostumarmos com uma política que se mantém num nível de impossibilidade, sem a tentativa de reverter ou “possibilitar o impossível”.

Tampouco se pode deixar de mencionar o alerta que o esloveno faz sobre o florescimento do capitalismo neoliberal em regimes autoritários, como os da China, de modo que o neoliberalismo de molde democrata do Ocidente ainda não é, necessariamente, a fase mais estabilizada dos novos processos de controle, de manipulação e de exploração humana, embutidos no panorama mundial.

AS FALSAS RELAÇÕES FAMILIARES E A ENCENAÇÃO DO BIG OTHER

Inserido na ordem Simbólica está o Grande Outro (*Big Other*, em inglês), conceito contemplado em inúmeras análises de Žižek. Pelo fato de todos os indivíduos serem construídos e dominados pela linguagem, eles operam em níveis simbólicos governados por um superego (freudiano) autoritário, que Lacan chama de *Big Other*. Segundo Silva (2009, p.214), trata-se de “uma instância onipresente, criada pelo indivíduo no processo de separar a si próprio do resto do mundo, ou seja, no processo de individuação. Ele é invisível, mas está sempre em torno de nós”.

O espaço simbólico funciona como um padrão de comparação contra o qual posso me medir. É por isso que o grande Outro pode ser personificado ou reificado como um agente único: o ‘Deus’ que vela por mim do além, e sobre todos os indivíduos reais, ou a Causa que me envolve (Liberdade, Comunismo, Nação) e pela qual estou pronto a dar minha vida. Enquanto falo, nunca sou meramente um ‘pequeno outro’ (indivíduo) interagindo com outros ‘pequenos outros’: o grande Outro deve estar sempre lá (ŽIŽEK, 2010, p. 17).

Žižek (2010, p. 18) lança mão de um exemplo cômico para nos apresentar este conceito: trata-se da piada de um camponês náufrago, que se depara ilhado com a modelo e atriz Cindy Crawford. Depois de fazerem sexo, ele pede a ela mais um favor, questionando se ela poderia se vestir como seu melhor amigo, usar calças e pintar um bigode no rosto. O camponês afirma não ser um perverso enrustido e, após ela aceitar o pedido, ele se aproxima do “amigo” e se gaba de ter levado Crawford para a cama. Esse terceiro que se eleva acima das interações dos indivíduos e funciona como testemunha é o Grande Outro e, como bem aponta a piada, ele é subjetivamente virtual, ou seja, “só existe na medida em que sujeitos agem como se ele existisse” (ŽIŽEK, 2010, p.18).

Os contos *Feliz aniversário* e *Os laços de família*, pertencentes à aclamada coletânea *Laços de família*, publicada em 1960, exemplificam duas maneiras diferentes de visualizarmos o Grande Outro na obra de Clarice Lispector. No primeiro, a matriarca da família, D. Anita, completa 89 anos. A família vai se juntando aos poucos para comemorar a data. Inerte “e desde as duas horas, a aniversariante

estava sentada à cabeceira da longa mesa vazia” (LISPECTOR, 1998, p.54), sem demonstrar reação, recebia cumprimentos e a festa ia acontecendo.

A festa é descrita como uma tarefa mecânica, totalmente sem afeto, puro pretexto para reunir a família num ato burocrático e vazio: “Vim para não deixar de vir” (p. 54), afirma uma das noras. A decoração com “guardanapos de papel colorido e copos de papelão alusivos à data” (p. 55) e ainda “balões sungados pelo teto em alguns dos quais estava escrito “Happy Birthday!” e, em outros “Feliz Aniversário!” (p.55), infantilizam e ridicularizam o ambiente. As personagens parecem encenar papéis, num misto de disfarces e dissimulações: “– Oitenta e nove anos!, ecoou Manoel que era sócio de José. É um brotinho!, disse espirituoso e nervoso” (p. 56), “– Nada de negócios, gritou José, hoje é o dia da mãe!” (p. 57).

Em determinado momento, o narrador com sua postura divina, descarna o pensamento da idosa e o leitor fica a par da insatisfação da matriarca, por ter dado “à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos” (p.60), “pareciam ratos se acotovelando, a sua família” (p.61). Colérica e insatisfeita, a velha cospe no chão. Ora, o ato de cuspir, mais do que afrontar a família, por contrariar as normas de civilidade e o espírito festivo que a ocasião demandava, contrapondo às aparências mantidas pelos parentes uma consciência, por parte da idosa, da falsa harmonia e das podridões escamoteadas pela família, pode ser lido como a maneira de informar esse engodo ao Grande Outro. Além da cusparada, ela exige um copo de vinho e insulta os convidados com palavras bastante pesadas: "maricas, cornos e vagabundas" (p. 62), inesperadas no vocabulário de uma senhora de boa família no contexto em que decorre o conto.

Nesse caso, o mal-estar momentâneo não decorre de uma súbita tomada de consciência, por parte dos familiares, da verdadeira situação: todos sabiam que estavam representando - mas essa consciência ficava relativamente acomodada desde que o Grande Outro - a instância responsável pelo decoro das relações sociais- não fosse informado da realidade: os elos fraternais foram substituídos por relações instrumentais. Apesar de surpresa, a família constrangida prefere dissimular o acontecido, pois “a velha não passava agora de uma criança” (p.61), ou seja, retirando do ato da idosa sua autonomia e significado, "acalmando" o Grande Outro. A festa continua, com planos para o próximo ano.

O leitor poderá indagar: qual a diferença? Se a atitude da família, primeiro em ficar chocada, depois em negar a autenticidade do gesto da anciã, refere-se à ficção em comum ou à ficção encenada para uma instância virtual, de que maneira isso altera nossa leitura do conto de Clarice?

Ora, se a irrupção da autenticidade na fúria verbal fosse apenas um confronto dual entre a velha senhora e sua família, teríamos uma situação-padrão na qual um ente fragilizado ou excluído do poder e dotado de uma vontade férrea se opõe, desafiadora, à mentira coletiva, sendo, naturalmente, anulada pelos outros, que ocupam uma situação de relativo poder sobre o desafiante. Teríamos um conto cujo sentido seria o de despertar a empatia do leitor por D. Anita, cuja "derrota" face ao discurso normalizador dos parentes soaria como uma injustiça, conclamando o leitor a desejar que o final da história tivesse sido diferente.

Um tal padrão de narrativa é bastante utilizado pelo cinema hollywoodiano, em geral com o herói que se sacrifica pela derrubada de um regime tirânico (*Elysium*, *V de Vitória*, *O Jardineiro Fiel* etc.) ou, em casos raríssimos, com o herói que, mesmo se sacrificando, não consegue alterar o sistema injusto (a adaptação de *1984*, o excelente *Glória feita de sangue* de Kubrick, etc). A senhora cujo justo desprezo pelos descendentes se resume no ato de cuspir e que, ao final do conto, apenas reconhece sua fome, evidenciando uma espécie de "castigo" por meio do descaso, seria um texto motivador de indignação por parte do leitor.

Sustentamos aqui que tal leitura (embora não impossível de ser feita dentro do imprevisível campo da leitura individual) não é a que se projeta do conto. Embora, ao acompanhar o julgamento de D. Anita sobre a parentela, o leitor tenda a concordar com a má opinião que ela faz deles, a figura da matriarca é cuidadosamente despida de marcas que levem o leitor a se identificar demasiadamente com ela. Na verdade, o texto cria um distanciamento, entre outras coisas, ao retratar a aniversariante de forma quase hierática, tão rígida quanto as convenções sociais que desafiará: "Tratava-se de uma velha grande, magra, imponente e morena. Parecia oca" (p.56); "a velha pegou na faca. E sem hesitação, [...] deu a primeira talhada com punho de assassina" (p.59). Mais ainda: a idosa despreza nas noras a fraqueza, metaforizada nos brincos que não eram de ouro, na incapacidade de mandar nas empregadas, etc. Valores bastante conservadores, que remetem a um ideal de família igualmente duvidoso, evocado pela lembrança do

falecido marido de D. Anita, "um bom homem a quem, obediente e independente, ela respeitara; a quem respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos e lhe honrara os resguardos" (p.60).

Ao evitar cuidadosamente que o leitor simpatize demais com a protagonista, apresentando toda a situação, bem como as personagens nela envolvidos, como desagradável (e desagradáveis), é necessário que entre uma nova instância mediadora no conflito que se estabelecerá momentaneamente entre a anciã e a família. Tal instância será o Big Other, uma vez que o leitor está previamente instalado numa posição de superioridade, da qual observa os fatos. Assim, quando o ato desafiador ocorre, a paralisação envolve um suspense que não é afetivo, posto entre uma voz que representa o "justo" e outras que defendem a "injustiça" e o "erro". A possível ligação entre D. Anita e sua descendência é postulada pela presença do neto de sete anos, em quem ela via uma possível redenção dos homens fracos do seu sangue; e de Cordélia, silenciosa e sorridente, personagem ambígua que, não por acaso, tem o nome da filha boa de Lear: a que se cala e é destruída, na tragédia shakespeariana, pela ambição das irmãs.

A interrupção dos insultos não é explicada ao leitor. A idosa se cala, voltando a pactuar com a inautenticidade, pacificada pela sugestão de que estará viva dali a um ano. Ou apenas afasta seus pensamentos da "corja" de descendentes fracos e falsos? Recolhe-se às "profundezas", tornando-se novamente a figura hierática e sem poder colocada como um ídolo à cabeceira da mesa? De qualquer modo, a tensão retorna ao seu estado de potência, uma vez passada a explosão. O Big Other foi devidamente informado de que os atos da velha senhora não refletiam senão a gradativa perda de consciência e de domínio da realidade que acomete alguns idosos.

Já em *Os laços de família*, desde o princípio, o leitor conhece a relação periclitante entre Catarina e sua mãe, Severina. Depois de uma visita à filha, quando enche o neto de mimos como uma avó tradicional e também simula um bom relacionamento com o genro, Severina embarca de volta para casa. No entanto, quando está com a filha no táxi, este dá uma freada brusca e as lança uma contra a outra "numa intimidade de corpo há muito esquecida, do tempo em que se tem pai e mãe" (p.96).

Cria-se uma situação visivelmente constrangedora pelo contato físico evitado desde a infância. A descoberta desse distanciamento é revelado ao leitor pelas frases recorrentes que causam certo estranhamento: “– Não esqueci de nada? Perguntava pela terceira vez a mãe. – Não, não, não esqueceu de nada, respondia a filha” (p.94).

O verbo “esquecer” estabelece um sentido ambíguo: com os objetos da bagagem, mas também com o elemento humano, com a ausência de relações afetivas entre mãe e filha: “–... não esqueci de nada? perguntou a mãe. Também a Catarina parecia que haviam esquecido alguma coisa [...], se realmente haviam esquecido, agora era tarde demais” (p.97).

Após o incidente, o narrador conduz as reflexões da filha, nas quais problemas familiares perpassam, sempre de forma mais sugerida do que afirmada. A partida da mãe dá ensejo a um instante de felicidade para filha, que retorna ao apartamento e, imediatamente, leva o filho a um passeio. O foco muda para o marido, Antônio, que observa a esposa e a criança do alto e reflete sobre sua relação com eles.

No fluir das memórias, existe a sugestão que a relação de Catarina é muito mais intensa com a mãe – e com o pai ausente, falecido – do que com o marido. Suas indagações voltam-se sobre o passado e seu olhar para o marido é de discreta superioridade. Nota que ele é pequeno e inseguro – o que é confirmado depois, quando o leitor tem acesso ao pensamento dele. Para Antônio, é difícil separar amor de posse: “Às vezes ele procurava humilhá-la, entrava no quarto enquanto ela mudava de roupa porque sabia que ela detestava ser vista nua. Por que precisava humilhá-la?” (p.102), enquanto que ela, consciente de ser atraente, saboreava sensualmente seu dia: “nada impediria que essa pequena mulher que andava rolando os quadris subisse mais um degrau misterioso nos seus dias” (p.99).

O amálgama de sentimentos contraditórios que compõe o mosaico desse conto é preparado com uma série de detalhes que o senso comum prevê para as relações fundadas na família monogâmica: certa irritação com qualquer tipo de dependência (econômica ou afetiva), dúvidas sobre o sentido da vida ordeira e pacificada (Catarina deseja indagar se a mãe foi feliz com o pai, mas não o faz), uma ponta de receio ao pensar na possibilidade dessa mesma vida desabar, correspondida por uma ponta de prazer com a mesma expectativa. À monotonia

estável da vida da família de classe média corresponde um rio subterrâneo de impulsos reprimidos.

A vida regrada só existe porque fundada num ato de violência extrema, mas invisível: cada uma daquelas personagens precisa eleger o gesto simbólico apropriado para manter a ordem, ainda que tal gesto seja uma castração. A casualidade da freada do táxi que joga os corpos da mãe e da filha um contra o outro ameaça perigosamente esse equilíbrio, uma vez que, obviamente, as duas não eram próximas e apenas o conceito de “família” – capitonê que amarra todos os sentidos no conto – faz com que uma visite a outra. O toque físico é vexatório para ambas, o que é bastante significativo dentro da cultura brasileira, na qual o afeto familiar é frequentemente demonstrado através do contato físico.

Da mesma maneira, a causalidade que faz com que o marido enxergue Catarina e o filho achatados, sob uma perspectiva não familiar, do alto do edifício, sacode os receios do marido, que a um só tempo sente ciúme do tempo que a mulher passa com o menino e desconfiança – imediatamente negada – sobre o tempo livre da esposa.

Trata-se de uma narrativa onde nada de dramático acontece. A tensão se dá exatamente nas entrelinhas, que sugerem a finura da película que envolve essa família em sua ilusão de estabilidade.

Ao mesmo tempo, paradoxalmente, é essa mesma fragilidade que cria os laços. Equilibrando-se nessa gangorra, mãe, filha e marido tocam-se uns aos outros, definem-se em função dos outros: Severina, envelhecendo e viúva, é “mãe” e “avó”, tentando estender essa imagem de contornos benévolos ao genro. Catarina, cuja construção é a mais erótica, se afirma em oposição à mãe, por um lado, e estabelecendo seu poder de sedução - sobre o marido e sobre o filho- por outro. E Antônio confessa sua dependência da esposa: “Sentira-se frustrado porque há muito não poderia viver senão com ela” (p.102). Do ponto de vista do senso comum, isso é uma declaração de amor. Sob um viés mais irônico, também é a aceitação do olhar do outro como aquele que confere espessura à ficção do sujeito.

Não temos um Big Other atuando de forma explícita nesse conto. Ele está lá, certamente: é sempre o Big Other que, sem existir, nos diz quem somos, como devemos agir, o que devemos desejar. E o desejo é sempre ambíguo: em vez de vivificar, mata o seu objeto.

Resta ao leitor à incômoda sensação de ter sido a testemunha muda e oculta, que conhece o segredo culposo da filha, mas cujo testemunho é absolutamente irrelevante para a trama. Em outras palavras, o leitor é colocado em posição de se comparar com o Big Other enquanto olhar virtual que vigia a cena- e de observar que ele próprio, leitor, é irrelevante. E, justamente por isso, este conto é mais perturbador que o anterior.

Em *Feliz aniversário*, a família assiste a explosão da velha, mas instantaneamente arruma um modo de encaixar na camada simbolizada a situação vexatória, inventando e simulando mil desculpas. Em *Os laços de família* não. O leitor fica atônito com os desabafos de Catarina. E por essas reclamações serem mais sugeridas, do que afirmadas, há um acréscimo de mal-estar. O leitor, talvez, espera que Catarina dirija uma queixa à mãe, mas, novamente, a questão da velhice é levada em conta: a mãe estava com aparência envelhecida, cansada e isso pode ter pesado na decisão da filha. Soma-se a isso, a partida apressada do trem. No outro conto, como vimos, é a velha quem dirige a insatisfação e, por ser idosa, talvez já soubesse que seria perdoada. Cabe, então, ao leitor ser informado dessas mágoas e assumir o papel de fiscalizador, e embora não puna, passa a ser informado de que a relação entre ambas é hipócrita e burocrática.

O texto acaba sendo a revelação da impotência do leitor para com a narrativa. Longe de ser convocado para uma indignação nobre, um desejo de mudar o mundo, o que o conto de Lispector faz é revelar ao leitor que ele é um pobre-diabo.

Muito mais do que nas histórias de Nelson Rodrigues, nas quais a aparência de família sólida e respeitadora da moral é rasgada para desvelar taras e comportamentos transgressores, essa narrativa da oscilação de impulsos suavemente cancelados é a narrativa por excelência da impossibilidade constitutiva da “normalidade”. Em Nelson, a transgressão é a verdadeira vida (ou “existência autêntica”, se quisermos utilizar a expressão heideggeriana), enquanto a aceitação da norma é uma aparência hipócrita. Em Clarice, a norma é fundada justamente pela possibilidade incessante de transgressão. A tara, o incesto, o adultério – tudo isso forma o pano de fundo invisível, mas previsto pela norma: seu fundamento obscuro. Transgredir não é romper com a norma, mas afirma-la de outra maneira. Eis porque as suaves protagonistas clariceanas provocam tamanho impacto em seus leitores. Mais do que as catárticas transgressões rodrigueanas, elas confrontam o leitor com

a melancólica constatação de que a transgressão é apenas o avesso dos lençóis do quarto familiar, com o mesmo cheiro, textura e incapacidade de preenchimento do vazio do sujeito. Nelson Rodrigues tenta despertar o questionamento histórico do leitor frente à instituição da família. Lispector, mais poderosa, mostra o quanto as relações interpessoais definem o sujeito, deixando-o à mercê de novas estruturas que substituiriam com igual eficiência o modelo tradicional.

Tais transgressões em potência, jamais realizadas mas tornadas visíveis enquanto correntes subterrâneas ao leitor, evocam muito mais o caos sobre o qual a finíssima película da existência burguesa decorre. Os “laços de família”, afinal, não passam de *ficções* – no sentido propositadamente ambíguo de a) “mentiras que contamos a nós mesmos”, legitimadas pelo olhar “inocente” do Grande Outro, mas cuja existência custa um esforço constante, monstruoso, por parte de todos os participantes dessa ficção; e b) constructos, narrativas de autoria coletiva, estabelecidos via linguagem e que somente através da linguagem persistirão enquanto relatos e serão legados às gerações futuras.

As ausências nos textos de Clarice são extremamente significativas. As duas famílias apresentadas nos contos que formam o *corpus* de nossa análise são bastante características da classe média habitante das cidades de grande e de médio porte no Brasil do contexto de produção desses textos. Ainda assim, não se vê nenhuma empregada doméstica em cena. Nem mesmo a faxineira (diarista). Em *Feliz aniversário*, Zilda reclama de não ter ajuda nas tarefas domésticas e em “Os laços de Família”, a maior parte da ação se concentra nos pensamentos da protagonista. Até mesmo em *A paixão segundo G.H.* a figura da empregada é uma ausência que permeia o texto.

Tais apagamentos, se observados por uma crítica marxista mais convencional, poderiam levar à acusação de elitismo por parte da escrita lispectoriana. Não pensamos assim: levando em conta a técnica da escritora, que mescla fluxo de consciência com monólogo interior, há que reconhecer que o surgimento da representação de personagens de outras classes sociais em suas narrativas curtas ensejaria uma espécie de curto-circuito narrativo. Suponhamos que uma empregada doméstica surgisse em cena num desses dois textos. As possibilidades lógicas de desenvolvimento seriam as seguintes:

- 1) O olhar sobre essa representante de classe explorada seria de modo a incorporá-la aos objetos familiares. Em outras palavras, ela seria percebida como parte do cotidiano, não despertando estranheza nem inquietação por parte da instância focalizadora do texto. Tal desenvolvimento promoveria o apagamento da luta de classes no texto, de forma perversa: a personagem seria naturalizada dentro do texto, incluída entre o rol de utilidades domésticas.
- 2) a personagem provocaria um estranhamento por parte da instância focalizadora, mas ainda de molde a equalizá-la aos outros. Seu estatuto de “diferente” (entra na casa, mas não é parte da família; almoça na cozinha; não entra pela porta da frente do apartamento e sim pela entrada de serviço etc) não seria evocado via diferença social e sim, num olhar existencialista, pela diferença abissal preexistente entre dois seres humanos, sejam quais forem. Novamente, a luta de classes seria apagada da narrativa. É inclusive possível que o cego que masca chicletes em “Amor” seja um habitante dessa hipótese.
- 3) a personagem provocaria um estranhamento na voz narradora e esta evocaria as diferenças sociais entre ambas. Mesmo que a prosa lispectoriana embarcasse por esse caminho, o olhar existencialista tenderia a matizar essas diferenças sociais pensando-as como contingentes e não como fundamentais.

Como afirma Sousa (2013), em *A paixão segundo G.H.*, a visão epifânica da narradora-protagonista surge quando ela decide limpar o quarto da ex-empregada. Assumindo a tarefa que era da colaboradora doméstica, G.H. se surpreende ao descobrir que o quarto, no qual jamais havia entrado, estava impecável. Entretanto, é de um armário que ela decide abrir (evocando, propositadamente ou não, toda a tradição do esqueleto no armário e, numa visão lacaniana, do orifício no tecido Simbólico por onde irrompe o Real) nesse quarto que surge a barata, o excesso obsceno que provocará a epifania/catástrofe, cuja ressimbolização tomará a maior parte do texto.

Assim, defendemos, essas ausências funcionam melhor como retrato da existência narcisista e egocêntrica da classe representada nos contos de Clarice.

Colocando a mulher como a dona de casa que cuida de tudo, omitindo a muito provável existência da auxiliar doméstica, indica-se o quanto essas humildes colaboradoras eram tomadas como garantidas (no sentido inglês de *taken for granted*). O espaço, físico e simbólico, que ocupavam nos fundos da casa burguesa eram o local por onde muito provavelmente o tecido Simbólico dessa casa poderia se esgarçar, deixando a Coisa Má entrar.

Resta à prosa clariceana delatar que, mesmo com a opção de centrar a narrativa eliminando os vestígios (como o quarto imaculado da empregada de G.H. não indiciava a presença anterior de sua ocupante) de outras classes, a vida burguesa não se tornaria minimamente consistente. Ao contrário, suas contradições cavavam valas profundas entre as gerações; entre parentes próximos. A única coisa que unia essas figuras patéticas era a conveniência, os conceitos culturalmente inculcados- e, porque não, o padrão de vida a ser mantido a qualquer custo. Sob a necessidade de contentar esse *Big Other* que evidentemente esperava de cada um que cumprisse o seu papel na manutenção da e fabulação do afeto familiar. Essa escrita que desvela a profunda repugnância entre familiares – entrecortada com instantes de ternura, de posse, de ciúme, de atração física e de culpa – contamina inclusive o leitor, a quem é vedada uma empatia muito forte com as personagens desses dois textos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos dois contos nos quais o leitor é levado a confrontar sua própria condição: em Feliz aniversário, incapaz de enunciar julgamentos, o leitor é preterido em relação ao Big Other, evidenciando o poder dessa instância virtual; em Os laços de família, é-lhe mostrado um espelho no qual ele, independentemente de seu histórico familiar, se reconhecerá, mas com poucas possibilidades de identificação afetiva com as personagens.

O estatuto ficcional da existência burguesa é desvelado cruelmente, ainda que o foco primário do texto seja existencialista. A esse respeito, sustentamos que um texto literário de qualidade sempre carrega consigo vieses de representação que superam o arcabouço para ele planejado pelo autor. Sob a camada da normalidade cotidiana, um Letes de impulsos reprimidos, uma tremenda carga de Desejos dos

quais se desistiu, ameaça tragar a cada momento as personagens que procuram obliterar da própria consciência suas verdades obscenas.

A força do texto clariceano está, portanto, em revelar ao leitor, nas entrelinhas, o abismo sobre o qual se situa a "normalidade" da existência burguesa: o vácuo sobre o qual ela se sustenta. O oposto da "normalidade" não é a simples transgressão, uma vez que o estabelecimento de uma norma ou lei cria essa mesma transgressão, pressupondo-a e delimitando-a (cf. BADIOU, 2009). O oposto da "normalidade" é o Real, a instância assustadora e não simbolizável, o excesso da realidade contra o qual nos muramos à custa de regras e da estruturação da linguagem. É essa revelação angustiante que confere a esses dois contos de Clarice Lispector o poder de perturbar o leitor tão profundamente.

REFERÊNCIAS

BADIOU, Alain. **São Paulo**: a fundação do universalismo. Tradução de Wanda Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2009.

BAZZANELA, Sandro. Os pressupostos da filosofia política de Slavoj Žižek. In: TELES, Ildete; GUERRA, Elizabete. **Lacunas do real**: leituras de Slavoj Žižek. Florianópolis: Nefipo, 2009.

LISPECTOR, Clarice. Feliz aniversário. In: **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. Os laços de família. In: **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem**: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1995.

ROSENBAUM, Yudith. **Metamorfoses do mal**: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Fapesp, 2006.

SILVA, Marisa Corrêa. Materialismo Lacaniano. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2009.

SOUSA, Thays Pretti de. **Do mundo simbólico ao inferno do Real, e volta**: uma análise de A paixão segundo G.H. 2013. 102 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

ŽIŽEK, Slavoj; DALY, Glyn. **Arriscar o impossível**: conversas com Žižek. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Como ler Lacan**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **Bem-vindo ao deserto do Real!**: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas. Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

Artigo recebido em: 15/09/2015

Artigo aprovado em: 26/10/2015